

O futuro do marxismo*

RAYMOND WILLIAMS

A política tem duas dimensões. Há a dimensão na qual, em razão das pressões vigentes, os homens procuram compreender seu mundo e melhorá-lo. Essa dimensão é reiteradamente humana. Mas há sempre, além disso, aquele desfile dos robôs da polêmica, que se assemelha em tudo ao pensamento humano, menos em sua aptidão para a experiência. Se você for para o mundo do robô, terá o seu combustível de graça e poderá entrar em ação imediatamente em um dos fronts de papel, onde o ar fede a orgulho, destruição, maldade e fadiga. Os homens têm necessidade de uma boa sociedade e de alimento, e, além disso, em nossa própria época, sabemos que estamos vivendo à beira da destruição. Mas o deslize para o mundo do robô, tão fácil de se fazer, vai contra essas necessidades, mesmo quando se propõe a satisfazê-las. Quando observo, agora, grande parte de nossas campanhas e periódicos políticos, reconheço, com relutância, o câncer da violência que há neles, uma real ameaça a todos nós. E não tem sentido, diante disso, desviar os olhos. Temos de lutar para recuperar a dimensão na qual as pessoas de fato vivem, porque é apenas ali que qualquer bom resultado poderá ser alcançado.

A primeira característica dos robôs é que o mundo existe em termos de seus próprios referenciais. Você é um marxista, um revisionista, um reformista burguês? Um comunista, um radical de esquerda, um simpatizante? Que resposta um homem pode dar a esse tipo de questionamento robotizado? “Vá embora”, eu

* Este texto apareceu, pela primeira vez, em *The Twentieth Century*, em julho de 1961, p.128-142. Foi traduzido a partir da sua edição na *NLR* 114 (2018) com a gentil permissão expressa de seu comitê editorial. Tradução de Ugo Rivetti, revisão de Maria Elisa Cevasco.

diria. Parece a única coisa adequada a se dizer. Porque passamos por isso antes. Você é protestante, católico, não conformista, livre-pensador, ateu? Se você tenta dizer o que sente e sabe, tem de rechaçar as mãos mecânicas tentando aplicar-lhe seus próprios rótulos ou inserir sua voz em um de seus registros. Elas fazem isso porque, postos os rótulos, poderão lutar, mostrar-lhe o seu inimigo, jogá-lo em uma de suas campanhas organizadas. Mas, no calor das necessidades humanas, a primeira luta consiste em saber a diferença entre a experiência e esse mundo do robô, em saber distinguir arroz, escolas e pensamento dessa dimensão pseudopolítica, sufocante e insana. A atual campanha dos robôs consiste em fazer com que os homens integrem o campo da democracia para que lutem por sua sobrevivência contra o campo da democracia. “Não aceite nenhum substituto; o nosso campo é o único genuíno; nós provaremos isso nos engajando em uma luta implacável.” E robôs não morrem; só homens morrem.

A dificuldade real é que, para pensar, devemos usar ideias e interpretações já registradas pelos robôs. Os insights de que precisamos, os sentidos produtivos, estão disponíveis no pensamento humano legado pelos nossos predecessores. Mas mantê-los no lugar a que pertencem, em contato direto com nossa experiência, é uma luta constante. Lembro disso mais uma vez ao tentar organizar meus pensamentos após ler *Marxism: An Historical and Critical Study* (1961), de George Lichtheim – um livro que é, nitidamente, o resultado de anos de trabalho e reflexão pacientes. Não sou um estudioso do marxismo e não posso julgar de forma precisa se a análise detalhada de Lichtheim está correta. Mas suas conclusões são interessantes e claramente relevantes a nosso mundo. Lichtheim considera que o marxismo, enquanto um sistema de pensamento e guia de ação, está em processo de desintegração:

Evidencia-se a incompatibilidade entre suas realizações e seus fins últimos, os quais então revelam sua natureza essencialmente metafísica – isto é, transcendental e irrealizável. Resta, de um lado, a consumação caricatural desses fins em uma realidade que é a sua própria negação; e, de outro, o *caput mortuum* de uma enorme construção intelectual cuja essência viva foi apropriada pela consciência histórica do mundo moderno; abandonando a casca vazia do “materialismo dialético” aos ideólogos de uma nova ortodoxia. No crepúsculo da era liberal, da qual o marxismo é tanto a crítica como a reflexão teórica, esse resultado confirma a verdade de seus insights acerca da lógica da história; e, ao mesmo tempo, transfere as antigas visões de um mundo liberado para um futuro incerto.

O escopo dessa crítica se assemelha muito ao próprio debate marxista. Lichtheim não é, de jeito algum, um robô, mas o seu tom produz ecos perturbadores. Maneiras de pensar envelhecem e se tornam irrelevantes, mas, ao que me parece, não tão frequentemente desse modo cataclísmico. Essa imagem do crepúsculo me preocupa; ela tem sido, há muito tempo, um dos artifícios dos robôs. E quando eles

não estão se atacando uns aos outros, um dos seus jogos mais intrincados tem sido o de jogarem um ao outro na lata de lixo da história, o que aparentemente fazem com bastante segurança. Lichtheim pode estar certo, mas me vejo retrocedendo alguns passos e refletindo sobre qual seria mais provavelmente, no mundo de hoje, o futuro do marxismo. Porque essa é a ironia: parece que muita coisa é jogada nessas latas de lixo da história. O número de sistemas que estão oficialmente mortos, mas que não se deixarão enterrar, é extraordinário. Um livro intitulado *Karl Marx and the Close of His System* foi publicado em 1898, e veja o que aconteceu desde então. Isso não prova nada, de todo modo, acerca da validade do marxismo, mas sugere que a relação entre sistemas de pensamento e a história concreta é tanto complexa como surpreendente.

Mas acabo sempre voltando, sob o impacto dos argumentos de Lichtheim, ao fato de que o marxismo, ou seu sucedâneo, o marxismo-leninismo, é agora a doutrina oficial de aproximadamente um terço do mundo, diligentemente ensinado e difundido por sistemas políticos e econômicos poderosos e, dentro de qualquer estimativa razoável, capaz, até onde podemos imaginar, de se manter ativo por um bom tempo. Bom, isso está evidentemente incluído no argumento: os sistemas são, na verdade, uma caricatura do marxismo, e seu pensamento oficial, oco e estéril. Isso poderia ser verdade, e devemos levar em conta sua plausibilidade quando ouvimos aquele raciocínio muito comum entre uns poucos marxistas na Grã-Bretanha: de que 1 bilhão de pessoas, espalhadas do Báltico ao Pacífico, não podem estar erradas. Mas precisamos examinar cada ponto do argumento com muito cuidado. Os sistemas criados e projetados pelas revoluções russa, chinesa, ou outras revoluções comunistas, são realmente uma caricatura das intenções marxistas? Se o são, em qualquer medida considerável, qual será a relação, no desenvolvimento dessas sociedades, entre o ensinamento amplo de uma doutrina que equivale a uma grande religião nacional e a realidade que esse ensinamento pode, teórica ou praticamente, questionar ou condenar? Não tenho uma resposta segura a nenhuma dessas duas questões, mas ao menos não tenho a mesma certeza de Lichtheim tanto de que os sistemas são caricaturas como de que, mesmo que eles não o fossem, as doutrinas seriam meramente ocas e estéreis. Tentarei expor minhas dúvidas sobre cada um desses pontos.

Mitos de convergência

A desilusão generalizada, entre pensadores no Ocidente, sobre o curso das revoluções comunistas é bastante fácil de entender. Vale a pena examinar duas das principais acusações: primeiro, a de que as revoluções foram desfiguradas e pervertidas pelo uso do terror para fins políticos; e segundo, de que as pessoas comuns não foram de fato libertadas, mas simplesmente passaram do domínio de aristocratas, proprietários de terras e banqueiros para o de burocratas e de um aparato partidário. Quanto à primeira acusação, não devem mais restar ambiguidades a respeito das estratégias de convencimento sobre “revolução e mar de rosas”,

redução de homens que morreram a meros erros de cálculo. As próprias sociedades comunistas terão de confrontar essa realidade a fundo, mais cedo ou mais tarde; seres humanos não podem se desenvolver sem enfrentar esse tipo de fato sobre eles mesmos. O terror político foi usado em larga escala, tanto para fins políticos como, ao que parece, por uma espécie de ampliação monstruosa, um fim em si mesmo. Esses fatos, que foram, muitas vezes, objeto de controvérsia e, ainda mais, de debate, são hoje ao menos admitidos por todos em um grau mínimo, o que é revoltante, mas estão profundamente arraigados em nossas consciências: seríamos menos do que humanos se isso não tivesse ocorrido.

Lembro-me de sentir, no final dos anos 1930, quando o terror político era usado tanto na União Soviética como na Alemanha nazista, a grande força que parecia haver no argumento de que essas eram, na verdade, o mesmo tipo de sociedade: uma nova forma de Estado totalitário. Mas acabei por rejeitar essa conclusão naquele momento e ainda hoje a rejeito. Parece-me um erro bastante comum que, ao se julgar sociedades, abstraia-se um elemento que compartilham, daí concluindo que são idênticas enquanto sociedades tomadas como um todo. O uso do terror político é tão crucial que, nos casos do fascismo e do comunismo soviético, a semelhança nesse aspecto foi considerada como uma semelhança completa: nossos olhos ficavam encobertos por um sentimento inteiramente louvável – a repulsa ao terror em si. Ainda assim, hoje parece claro que qualquer identificação total entre fascismo e comunismo é inteiramente errônea. Não iria tão longe quanto Orwell, quando disse uma vez que a semelhança é, na realidade, aquela entre ratos e veneno contra ratos. Mas hoje está bem claro que o fascismo tinha pouco a oferecer além de terror, interna e externamente: ele era uma explosão cega de ódio e frustração. O comunismo soviético, por outro lado, não apenas levou a cabo a revolução industrial necessária em um país atrasado, mas, o que é muito mais significativo, realizou uma revolução cultural que é a um só tempo um ganho humano absoluto e, ainda hoje, tanto em suas realizações como em suas fraquezas, parece ser o produto específico de um sistema particular. Claro que não estou dizendo que o terror se torna bom ou ruim a depender do que mais está acontecendo na sociedade; ele é o mal sempre e em qualquer lugar. Mas caso se pretenda fazer um julgamento verdadeiro da sociedade, é preciso olhar para todas as forças que nela atuam.

A comparação entre o comunismo soviético e o fascismo é menos frequente hoje em dia, porque o fascismo parece estar morto, com exceção de duas ou três nações marginais, e porque a União Soviética alega ter rejeitado o stalinismo. Contudo, a desilusão de intelectuais ocidentais não diminuiu de forma visível, embora isso seja difícil de medir, dado que intelectuais proeminentes ainda são oriundos da geração formada pela reação ao fascismo e ao terror stalinista. Ainda assim, há uma formulação nitidamente nova: a de que a União Soviética é a negação das esperanças da revolução porque se tornou uma sociedade governada por uma elite dirigente, que controla todas as fontes de poder e as mentes dos homens, por

meio de doutrinação e censura. Uma versão interessante dessa formulação é hoje comum entre acadêmicos: a de que, na verdade, os aspectos políticos da Guerra Fria ficaram no passado (de fato, a maior parte dos aspectos políticos de tudo é passado). O fato é que, segundo dizem, a União Soviética e os Estados Unidos estão se tornando cada vez mais parecidos: sociedades dominadas por burocratas por meio de enormes corporações, dependentes de (e conectadas a) uma elite militar e condicionando suas populações através de meios de comunicação de massa. Aqui, mais uma vez, muitos dos fatos são objeto de controvérsia, mas eu mesmo admitiria que há importantes semelhanças nesse aspecto e que seria bastante plausível supor que esse é um padrão universal da sociedade futura.

Contudo, vejo-me obrigado, mais uma vez, a rejeitar essa conclusão. Faria isso simplesmente com base no fato de que essas organizações estão formalmente dedicadas a fins ideológicos bastante distintos, embora essa seja uma parte do argumento a que terei de retornar, na medida em que exige um tratamento em separado. Para ser mais direto, considero a semelhança pouco convincente, ou meramente parcial, porque me parece inegável que as elites estão, definitivamente, servindo a funções bastante diferentes. Não só a elite russa tem dado impulso a formas sociais inteiramente novas, enquanto a elite americana visa essencialmente criar uma estabilidade racional dentro de um sistema dado. Isso poderia ser contestado argumentando-se que a função da elite russa é, cada vez mais, a manutenção de um sistema que já foi novo, mas que hoje está estabelecido. Muito mais importante, certamente, é que cada elite tem em vista um tipo de sociedade completamente diferente. A versão americana de uma democracia comercial, com o consumidor individual como soberano, é de fato muito diferente da versão russa de um Estado moderno dirigido, com a comunidade como soberana. Não vivo em nenhuma delas, nem compartilho os valores de nenhuma delas. Mas as diferenças em política prática parecem bastante evidentes. Em um campo econômico tão funcional como o dos transportes, por exemplo, as duas elites chegam a conclusões opostas, tanto na atitude em relação aos sistemas de transporte público, como ao uso de carros particulares; e essas conclusões alteram visivelmente as sociedades. Só porque as burocracias geralmente se assemelham em seus métodos de trabalho e em suas atitudes diretas para com as pessoas, não significa que seus hábitos básicos de pensamento sejam similares. A impressão parcial que se tem sobre a burocracia é convincente, mas a impressão suscitada pela evidência geral, sobre o tipo de sociedade daí resultante, aponta para outra direção. Você pode preferir um ou outro, e a maioria das pessoas o faz de fato. Mas, não importa o que se pense sobre a União Soviética, é difícil afirmar que o tipo de sociedade que está sendo criada lá é uma negação do que é comumente entendido como o ideal marxista. A nacionalização dos meios de produção e distribuição e a criação de novas formas sociais, legais e políticas estão postas, para serem admiradas ou rejeitadas. A burocracia soviética serve a elas e é crucialmente diferente da elite do poder americana ou britânica pelo simples fato de que tem

uma visão totalizante da sociedade, de modo que pode atuar muito mais direta e firmemente por meio da organização de um partido político que é, ao mesmo tempo, governo e administração.

Ainda assim, a crítica mais substantiva talvez não esteja na comparação entre as elites do poder. Pessoas que se recordam da ênfase radical e libertadora presente no marxismo em seus momentos iniciais não estão preocupadas com o fato de que existe um controle exercido por uma elite do poder em algum outro lugar, não importa quão semelhante ou diferente. Elas insistem no fato de que a negação real na sociedade soviética é que o que se pretendia um Estado dos trabalhadores se tornou um Estado partidário-burocrático; a libertação dos trabalhadores segue tão distante como antes. Essa é, segundo a minha leitura, a posição de Lichtheim, embora ele pareça também subscrever (as duas posições não são incompatíveis) a versão da “elite do poder”, descartando a União Soviética como “apenas outro exemplo de industrialismo moderno planejado e burocratizado”. Essa me parece a coisa mais difícil de todas em relação à qual se posicionar. Tomando os padrões da tradição da classe trabalhadora britânica, não posso acreditar que os trabalhadores da União Soviética, e ainda mais da China, tenham sido libertados em qualquer sentido crível. Não quero dizer com isso que a classe trabalhadora britânica seja livre, enquanto a soviética ou a chinesa não o são. Quero dizer que as disciplinas impostas aos trabalhadores pelas demandas de um sistema industrial mais moderno ainda operam e o fazem mais duramente na União Soviética e na China, simplesmente porque o seu crescimento industrial ainda se encontra em um estágio dinâmico ou inicial.

Nesse ponto emergem as questões teóricas difíceis. A alternativa mais convincente, enquanto explicação do processo histórico, tanto ao marxismo como à interpretação que lancei em *The Long Revolution*, é, basicamente, que a industrialização é o fator-chave, a dinâmica real. As demandas incontestáveis de um sistema de produção industrial refazem as sociedades humanas, impondo novos tipos de disciplina e pressão – mas oferecendo o suficiente, em termos de consumo e pela substituição de trabalho humano por mecânico, para que as disciplinas e pressões sejam aceitas, segundo uma avaliação contínua de custo e benefício. Assim, a revolução industrial é o mais importante, e o capitalismo e o socialismo, apenas meios alternativos de organizá-la: o capitalismo, em princípio, centrado apenas em produção e lucro a qualquer custo, mas desenvolvendo, posteriormente, o consumo contínuo e a cultura de massa como meios para manter o sistema funcionando e as pessoas dispostas a trabalhar; o socialismo, dirigindo a produção de forma diferente, mas compelido a introduzir novos tipos tanto de disciplina de trabalho como de disciplina social para comandar o necessário direcionamento de energia. Sem dúvida, ouvimos dos líderes comunistas e de seus representantes estrangeiros mais sobre as realizações do socialismo nesses termos do que em quaisquer outros. A disputa mundial em nossos dias é muitas vezes representada como uma

competição direta entre capitalismo e socialismo, para ver qual deles é o melhor em fazer o industrialismo funcionar.

Mas então, nesse ponto somos levados a nos perguntar quais são os fatores que conduzem as sociedades a esses cursos alternativos, se seus objetivos industriais gerais são basicamente os mesmos. Bem, as condições históricas concretas, dizemos; e o marxismo era atraente porque oferecia uma análise incontornável dessas condições. É nesse ponto, contudo, que todas as dificuldades reaparecem. Estamos sempre sujeitos ao risco de assumir uma visão muito limitada – a história é muito mais lenta do que cada um de nós consegue suportar –, mas hoje parece bastante evidente que a tese marxista da passagem, por um processo histórico reconhecível, através de vários estágios, do capitalismo até o estabelecimento do socialismo não é o rumo que o mundo está seguindo. As revoluções socialistas ocorreram, sobretudo, em países industrialmente atrasados, que pareciam muitas vezes saltar o estágio capitalista em qualquer acepção significativa, enquanto, nos países de capitalismo maduro, a probabilidade de revoluções socialistas é pequena e programas de mudança radical assumiram cada vez mais um caráter reformista, o que afeta não apenas o método pelo qual o socialismo será estabelecido, mas o tipo de socialismo que seria ali instituído.

Revoltas camponesas, imperativos industriais

Claro que isso foi dito inúmeras vezes, mas quais são as conclusões que deveríamos tirar daí? De que o próprio Marx estava errado a esse respeito parece um tanto quanto irrelevante, porque agora devemos nos concentrar no movimento que ele fundou, e não em suas formulações consideradas isoladamente. E parece-me que assumimos uma visão demasiadamente limitada do mundo, quando hoje declaramos que o marxismo é obsoleto. É verdade que o marxismo, em qualquer uma de suas formas ortodoxas, parece ter relativamente pouco a dizer sobre a situação atual nas sociedades capitalistas ocidentais; ou, ainda, que o que ele continua a dizer soa como um dogmatismo deliberado e simplificador, continuamente negado pela realidade. Ao mesmo tempo, contudo, o que ele diz sobre o imperialismo e, na teoria e na prática, sobre a liberação e o progresso econômicos de países atualmente atrasados parece fazer mais sentido, para mim, do que qualquer outra versão hoje dominante dessa questão. A tendência geral do sucesso comunista, nessas áreas do mundo, parece decorrer principalmente não de políticas de poder inteligentes, mas da formulação de um programa teórico e prático que as realidades em geral confirmam.

As revoluções bem-sucedidas ocorreram onde havia um forte movimento camponês de revolta contra condições insuportáveis, e onde esse movimento foi apoiado ou dirigido por intelectuais marxistas ou influenciados pelo marxismo e, em alguns casos, por elementos da classe trabalhadora urbana. Os exemplos recentes mais significativos são China e Cuba: a primeira, sob orientação marxista desde o início; a última, assumindo cada vez mais um caráter marxista à medida

que a revolução avança. É importante ver isso como um desenvolvimento orgânico do marxismo e não como uma mera refutação ou abandono de Marx. A mudança decisiva de direção promovida por Lênin alterou definitivamente todo o caráter do marxismo, mas seria possível dizer que, ao desligá-lo de seu antigo contexto europeu ocidental, fixando-o em um novo contexto, Lênin estaria simplesmente desvirtuando os seus ideais? Essa é uma questão de juízo político, mas minha opinião é de que, no geral, essa mudança de direção serviu decisivamente à causa da emancipação humana, e isso de um modo fundamentalmente compatível com o ímpeto original do marxismo.

O que devemos considerar, portanto, é o efeito que essa mudança de contexto produziu no pensamento marxista. Segundo me parece, há dois efeitos principais e relacionados. Em primeiro lugar, dado que as revoluções se deram em sociedades destituídas de formas democráticas maduras, a ênfase em um partido dirigente pequeno e altamente organizado necessariamente alterou toda a concepção anterior da tomada de poder pela classe operária. Em segundo lugar, ao mesmo tempo que o ímpeto popular dessas revoluções repousa sobretudo na longa demanda camponesa por destruir o sistema latifundiário e a exploração do trabalhador, o necessário futuro do país – não apenas como visto por intelectuais marxistas, mas tal como ditado pela sobrevivência e crescimento econômicos – é um futuro industrial. A contradição entre objetivos camponeses nobres, mas limitados, e as demandas desse futuro industrial tem sido o principal problema de cada uma dessas revoluções conforme elas avançam, e, nessa situação, o partido dirigente se sobrepôs, em alguma medida, a todos os interesses de classe imediatos. O principal sofrimento humano no desenvolvimento do comunismo soviético foi precisamente esse. Na China e em Cuba houve diferenças, mas em cada uma delas podemos ver a mesma combinação de uma emancipação generalizada com o partido dirigente real. O imenso custo que qualquer revolução industrial forçada representa para as primeiras gerações que a vivenciam é imposto pelo partido dirigente sobre um povo que, no longo prazo, pode parecer que está sendo libertado pelo partido, mas que está sendo, no curto prazo, controlado com rigor excepcional e muitas vezes desumano. Enquanto dura essa fase crítica, qualquer ameaça ao partido governante ou às políticas por ele determinadas, é impiedosamente reprimida.

Minha intenção aqui não é defender essas mudanças na teoria e prática marxistas, mas penso que temos de fazer um esforço para compreendê-las, no contexto no qual estão, de fato, operando. Um camponês chinês ou cubano tende a ver esse processo de um modo diferente de tudo o que poderíamos imaginar. Ao mesmo tempo, há algo de ridículo na prática de partidos comunistas ocidentais em imitar os hábitos de pensamento e as teorias de organização derivadas de situações sociais completamente diferentes. E isso não apenas porque eles parecerão totalmente desconectados da realidade de suas próprias sociedades, mas também porque, se tomarem essas mudanças como o marxismo do século XX em sua totalidade, perderão sua capacidade, enquanto marxistas, de definir o curso dessas revoluções.

Porque, mesmo sob a perspectiva mais favorável, o exercício de controle pelo partido dirigente sempre está sujeito ao risco de se tornar, se não completamente pelo menos em parte, um fim em si mesmo. A finalidade da revolução social pode ser facilmente pervertida na criação de um poderoso Estado industrial e militar: uma perversão da qual os elementos de chauvinismo presentes em cada uma dessas revoluções são um alerta permanente.

Mas não são apenas os marxistas ocidentais que têm o dever de elaborar uma análise clara. O mesmo vale, obviamente, para os marxistas atuantes nos partidos dirigentes. E aqui devemos nos voltar, mais uma vez, à relação entre uma ideologia e a sociedade na qual ela opera. Parece-me que temos um possível paralelo em nossa própria história. Se observarmos o Cristianismo através das muitas sociedades distintas nas quais operou como um conjunto oficial e prescritivo de crenças fundamentais, não encontraremos, à primeira vista, base alguma para otimismo. Porque parece claro que, em muitos aspectos, o Cristianismo sobreviveu como uma crença oficial pela adaptação aos ideais e práticas em transformação da sociedade que o continha. Em suas atitudes em relação a divisões de classe, prosperidade, amor e família, essa crença frequentemente mudou como o vento, assumindo a direção conveniente ao tempo. Será que os ideais humanos presentes nas raízes do marxismo não se transformarão de modo similar nas sociedades comunistas? Será que, para alcançar esse casamento de conveniência, os homens e os ideólogos não são capazes de autoengano e malabarismos intelectuais infundáveis? Seria tolo dizer, após toda a história do debate marxista nos quarenta anos do comunismo soviético, que não houve autoengano e malabarismo, em questões cruciais: algumas vezes a tal ponto que nos vemos com vontade de desistir de tudo, enojados. Não parece fazer qualquer diferença que o Cristianismo se refira ao além-mundo, e o marxismo, a este mundo. O Cristianismo conseguiu escamotear a guerra, a dominação de classe, o materialismo; o marxismo escamoteia o terror e a própria ditadura. Nesse ponto, é fácil recair, como Orwell, na visão de que toda ideologia é hipocrisia, um véu para encobrir as realidades da conveniência e do poder.

Mas será que, no final, isso esclarece nossa experiência? Penso que, na história do Cristianismo, por exemplo, ao lado de cada exemplo de perversão e hipocrisia oficiais, há uma resistência cristã, baseada não em novas crenças, mas nas crenças originais. Enquanto os evangelhos estiverem presentes, sempre estará potencialmente ativo um sentimento humano básico, relevante em qualquer momento e em qualquer situação. Tivemos incontáveis casos de homens movidos por esse sentimento de contestar e, em alguns momentos, de transformar a mistura de imundície e perversão que os rodeava. Não vejo razão válida para achar que isso não valerá também para o marxismo. De fato, penso que, em alguns episódios das revoluções polonesa e húngara, e também no interior da União Soviética, essa contestação já ocorreu e não foi completamente derrotada. Muitos cristãos diriam que as crenças subjacentes são de ordens diferentes: os valores cristãos são eternos, enquanto os valores marxistas são limitados e temporais. Eu mesmo não posso

aceitar essa distinção. O ensinamento do amor é fundamental, mas o ensinamento da liberdade também o é. Acho interessante que na Polônia e na Hungria, assim como entre os escritores do “degelo” na União Soviética, não houve uma guinada significativa em direção aos valores de um sistema totalmente alternativo; nenhuma virada, por exemplo, a versões capitalistas de liberdade. Na verdade, a força da contestação residia no fato de que as sociedades estavam sendo criticadas em termos de seu próprio sistema de valores. Sempre que isso ocorre há uma dinâmica verdadeira e uma possibilidade real de mudança.

Claro que governantes e sumos sacerdotes farão tudo o que estiver ao seu alcance para conter ou suprimir isso, e eles podem muito. Mas eu diria, contra Orwell, que não é possível reprimir completamente uma contestação dessas: pode-se destruir aqueles que a encampam, mas não as ideias que corporificam. Porque a fonte oficial do poder dos governantes, a doutrina pela qual eles, no pior dos casos, racionalizam seu mando, tem de ser disseminada. O mascaramento virá com isso, mas, honestamente, não vejo como alguém possa continuar disseminando as crenças, aspirações e imagens fundamentais do marxismo e, ainda assim, encobrir de todos e de forma bem-sucedida que elas compõem uma doutrina perenemente revolucionária. Assim como não acredito que os partidos governantes estão sempre e unicamente comprometidos em enganar. Em certos pontos críticos, elementos da ideologia básica emergem bastante claramente, não apenas para definir as direções da sociedade, mas também como terreno de conflito entre grupos dentro dos partidos. Essa é uma diferença evidente entre a política comunista e o tipo de política que vemos em nossos próprios partidos governantes. Mesmo em disputas algumas vezes sangrentas, há questões teóricas e fundamentais que sugerem que o objeto da luta ainda é uma doutrina básica, e não um encobrimento para domínio pessoal. Ademais, não é o pior desses grupos que sempre vence. Na União Soviética em anos recentes, por exemplo, um dentre os melhores grupos foi, nitidamente, o vencedor.

Recuperação e renovação

Por todas essas razões, me parece errado concluir que o marxismo, enquanto um conjunto de doutrinas operantes, esteja acabado. Ainda me espanta a visão do mundo que se tornou ortodoxa entre intelectuais ocidentais desde a última guerra. O mundo real, tal como eles o veem, se resume aos Estados Unidos e à Europa ocidental; o resto se divide entre “inimigos” e “neutros”: os primeiros, tão nocivos que não importam, e os segundos, atrasados demais para se considerar. Se o marxismo parece irrelevante nos Estados Unidos e na Europa ocidental, ele se torna, nessa perspectiva, totalmente irrelevante – uma ideia “velha”. Mas mesmo enquanto esses intelectuais estão dizendo isso uns para os outros, com uma complacência inacreditável, movimentos derivados do marxismo estão transformando de modo decisivo a forma e o equilíbrio da sociedade mundial.

O corolário comum desse ponto de vista do Atlântico Norte é de que o capitalismo, embora não propriamente apreciado, se provou capaz de conter o desafio socialista em suas próprias sociedades, as quais estão, conseqüentemente, se movendo em direção a um novo estágio pós-capitalista: o Estado livre do bem-estar social. Pessoas que continuam usando argumentos marxistas ou até mesmo socialistas são, então, vistas como meros fundamentalistas sentimentais, ou exemplos de atraso histórico. Duas coisas são ignoradas por essa nova ortodoxia confiante: primeiro, que, não importa o que esteja acontecendo nas sociedades ocidentais, nossas vidas se encontram, na verdade, dominadas pela propagação da revolução em outras partes; e isso não apenas em termos das relações internacionais, mas da economia e do comércio internacionais. Como um socialista, tenho de viver no interior de uma aliança que existe ou para destruir o comunismo (se isso pudesse ser feito com segurança) ou para contê-lo. E todos os socialistas em países ocidentais têm de conviver com políticas coloniais que pretendem destruir ou retardar revoluções coloniais (caso isso possa ser feito com segurança) ou então procuram dirigi-las dentro de caminhos “moderados”. Com essas questões no centro de nossa vida política, a luta entre socialistas e seus adversários, em sociedades ocidentais, se torna, inevitavelmente e antes de tudo, uma luta em torno de questões internacionais. O movimento pela paz e o apoio aos movimentos de libertação colonial são, assim, os campos centrais de nossa atividade socialista contemporânea. E não se trata apenas de que a luta, nesses campos, ainda está bem viva e indefinida. A própria forma da sociedade ocidental acaba sendo determinada principalmente por essa luta internacional, em relação à qual o Estado livre de bem-estar social parece um mero acessório marginal. De fato, a continuidade, na Grã-Bretanha, da ideia de uma sociedade harmônica e em desenvolvimento depende, a meu ver, de não se levar em conta a luta militar internacional, que está nos transformando profundamente a partir de dentro, e também da desconsideração dos fatos relativos à natureza em transformação da economia mundial, que dificilmente nos deixarão continuar a mesma vida confortável de agora.

Não lutarei na Guerra Fria, em nenhum dos campos, e não desejo substituí-la por uma guerra econômica – um argumento popular em favor de mudanças econômicas na Grã-Bretanha. Ao contrário, pretendo pensar em formas de estabelecer relações de convivência tanto com as sociedades comunistas quanto com aquelas partes do mundo que atualmente estão se livrando de sua condição dependente. A tentação, para algumas pessoas aqui, é se voltar para esses outros “campos”, mas isso seria um ato de traição muito grave. Se o que eu disse sobre os resultados políticos concretos dos movimentos marxistas em outros lugares está certo, é tão impossível para mim subscrever suas definições e sistemas como seria impossível me aliar às forças reacionárias que estão tentando destruí-los. Não se trata apenas de uma questão de lealdades nacionais e políticas (embora perdê-las, para mim, signifique perder tudo). Trata-se ainda de uma questão teórica central. Nas antigas sociedades industriais, o curso do desenvolvimento político foi bem diferente.

Nós, que vivemos nelas, temos de interpretar nossa própria experiência social, e é possível que certas tradições que fomos capazes de manter vivas, certas interpretações de novos problemas apenas encontrados em sociedades industriais maduras, sejam criticamente importantes no desenvolvimento do socialismo internacional.

Os marxistas independentes do Ocidente têm se voltado recentemente para o pensamento inicial de Marx, em particular para o conceito de “alienação”. Ao mesmo tempo, muitos socialistas não marxistas vêm se dedicando ao mesmo conjunto de problemas: a relação entre trabalho e lazer; a natureza da comunidade; os problemas de como resistir à manipulação no contexto da expansão da cultura. Não sei o quão longe chegamos, embora pense que fizemos algum progresso. Não posso dizer que eu mesmo encontre no primeiro Marx nada mais do que uma série de brilhantes sugestões e conjecturas, mas posso estar errado e, de todo modo, a área de interesse é comum. Tenho certeza que esse trabalho pode beneficiar nossas próprias sociedades e acredito que possa ser de importância crítica para as sociedades comunistas em seu desenvolvimento. De qualquer maneira, servirá para definir nossas relações com elas. O que podemos oferecer é uma tradição de independência crítica e uma tradição de democracia ativa que, em si, não compõem o socialismo, mas que são essenciais a qualquer forma madura dele. Se descartamos essas tradições, em nome da solidariedade, estaremos descartando uma parte importante de nosso futuro.

Talvez o significado de tudo isso seja que o futuro do marxismo depende do restabelecimento de toda sua tradição, e isso poderia se dar, na prática, na definição do curso das relações entre nossos próprios movimentos socialistas, os movimentos de libertação dos países industrialmente atrasados e as sociedades comunistas em desenvolvimento. Claro que o epíteto de “marxismo” será ferozmente reivindicado por cada um desses movimentos historicamente apartados e, de minha parte, eu preferiria abandonar a luta em torno da herança, e ver a coisa de um modo mais amplo. Marx contribuiu muito com o socialismo. Inevitavelmente, na história concreta, outras forças se juntaram à sua influência. A única coisa que importa é a realidade do socialismo: as realizações de paz, liberdade e justiça. Marxistas e muitos outros podem contribuir com essa realidade de muitos modos diferentes. Se Lênin levou o marxismo em uma direção, por causa dos problemas concretos que ele enfrentava, muitos socialistas ocidentais levaram o socialismo em outra direção, em razão de seus próprios problemas concretos. Nenhum desses movimentos tem o monopólio da verdade; nenhum pode descartar o outro como destituído de um futuro. Na crise mundial atual, tudo depende da busca por entendimento, entre diferentes tradições e pessoas. Os robôs não desejam isso, mas os homens, sim.